

O «OENOKOÉ» ROMANO, EM BRONZE, DE VILA MARIM

Por Carlos Alberto Ferreira de Almeida

O distrito de Vila Real, devido aos prístinos e gigantescos trabalhos de exploração aurífera que os romanos empreenderam na sua área¹, tem-nos dado testemunhos de romanização excepcionais no Noroeste peninsular. Entre estes merece lugar de destaque um magnífico jarro de bronze, com incrustações de prata, de elevado interesse artístico e

¹ Para este assunto consulte-se, entre outros, os estudos: Mário Cardozo, *A Propósito Da Lavra Do Douro Na Província De Trás-os-Montes Durante A Época Romana*, in «Revista De Guimarães», t. LXIV, 1954, págs. 113 a 141; Silva Carvalho e Veiga Ferreira, *Algumas Lavras Auríferas Romanas*, in «Estudos, Notas E Trabalhos Do Serviço De Fomento Mineiro», vol. IX, págs. 20 a 46; Albuquerque E Castro, *Trêsminas — Arqueologia Mineira*, in «Actas Do Congresso Internacional De Etnografia», tomo I, Porto, 1963, págs. 129 a 142; D. Fernando de Almeida, *Minas De Ouro Na «Gallaecia» Portuguesa*, sep. de «Legio VII Gemina», Leon, 1970. Relativamente a Jales e Trêsminas retomei todos os dados conhecidos e muitos outros, ainda inéditos, em comunicação apresentada no XII Congresso Nacional de Arqueologia, De Espanha, de Jaén, e cujo texto sairá nas respectivas actas.

que é objecto desta notícia². Trata-se de um oenokoé, cuja função era a de conter o vinho sobre as mesas.

Há cerca de um ano, no lugar do Outeiro das Pombas, freguesia de Vila Marim, no sopé de um monte que tem ruínas antigas e onde se localizam lendas de tesouros encantados³, à distância de um metro e sensivelmente a meio da parede do lado norte de uma pequena casa que então se construía⁴, ao retirar-se a terra, perto de um penedo, apareceram, juntos, e a cerca de meio metro de profundidade, um cinzel, certamente de aço, três fragmentos de uma bacia, em bronze, e este oenokoé trilobado (Est. I). Os restos da bacia, porque se encontravam dentro uns dos outros, estariam já separados no momento do enterramento e, efectivamente, não têm sinais de participação recente. Pelas circunstâncias de jazida tudo parece indicar que este espólio provém de um esconderijo feito por qualquer pessoa ligada ao trabalho ou comércio de metais.

Pelo local não faltam fragmentos de tegulas e, segundo o testemunho da proprietária, quando se abriram os alicerces para a casa e ao terraplanar-se o local onde está implantada apareciam bastantes bocados de cerâmica, muito carvão e cinza. Embora tivesse passado já um ano, em ligeira busca na superfície de parte desse aterro, recolhi ainda pedaços de tegulas, uma escória que me parece de ferro e um fragmento

² Não me sendo possível consultar toda a bibliografia, tão dispersa e longínqua, sobre este tipo de oenokoé e porque também só após uma limpeza e restauro o jarro poderá ser perfeitamente analisado, não consideramos exaustiva esta notícia. Quero testemunhar aos Drs. Jorge e Adília Alarcão e Isabel Pereira o meu reconhecimento pelas facilidades concedidas na consulta de alguma bibliografia fundamental.

³ Ao sr. Padre Botelho, ao sr. Presidente da Câmara de Vila Real e ao sr. Agostinho Celestino Borges de Sousa e Silva queremos agradecer todas as ajudas e informações que nos prestaram. Ao distinto aluno da Faculdade de Letras do Porto, António Cardoso, devemos os desenhos que ilustram este artigo.

⁴ É pertença de Natália Macedo Lopes. O jarro está depositado na Câmara de Vila Real.

de prato de sigillata clara D. Por isto, o local deve ter sido habitado, ao menos, no século IV da nossa era. Adiante veremos também que só a uma época tardia se pode atribuir a ocultação deste espólio.

O carvão e a cinza que apareciam, em grande quantidade, conforme me disseram, e a escória que aí recolhi parecem sugerir a existência, nesse local, de uma oficina metalúrgica ainda que rudimentar.

Entre as coisas encontradas estava um objecto ferrugento e que, segundo o testemunho da proprietária, era semelhante a um cinzel. Perdeu-se porque não lhe ligaram importância alguma. Teria cerca de 20 cm de comprimento, secção redonda, e gume espalmado. Por estar coberto de ferrugem supomos que seria de aço.

Os três fragmentos de bacia, em bronze duro, encontrados uns dentro dos outros, devem ser do mesmo recipiente. Dois pedaços pertencem às paredes laterais e ao bordo e o terceiro à parte do fundo. Neste (Est. II, 1) podem ver-se, circularmente dispostos, dois cravos e orifícios de outros dois, os quais certamente segurariam um pé de que não ficaram nem se vêem outros vestígios.

A parte superior da aba desta bacia não tem rebordo. É possível que este tenha sido partido porque o actual remate do bordo não é regular e, não tendo sido limado, tem uma ou outra rebarba que podem ser o resultado dessa plausível partição.

A patine destes restos é de cor verde-cinza, muito carregada. A espessura das paredes é de 0,7 mm. Embora não seja possível a exacta reconstituição desta bacia o seu diâmetro andaria pelos 26 cm. Em um fragmento conservam-se ainda duas presilhas, distanciadas uma da outra 7 cm (Est. II, 2), feitas em bronze martelado e fixas às paredes da bacia por um duplo cravejamento, denunciando tudo isto uma técnica muito elementar e talvez um trabalho posterior ao corpo da bacia, que é feito em bronze fundido. Nesses engates prendia-se a asa, que se perdeu e que, pelo vestígio ferruginoso deixado em um deles, seria de ferro. Se, como suspeitamos, há nesta bacia dois momentos estas presilhas e a asa de ferro poderiam ser fruto do segundo arranjo.

Sem rebordo, sem lhe conhecermos as asas nem o pé, é muito difícil tentar a classificação tipológica e cronológica desta peça ⁵.

O oenokoé de Vila Marim é um achado excepcional entre o espólio romano aparecido em Portugal. Infelizmente já não possui a asa original e que, em jarros deste tipo e época, costuma ser, artística e cronologicamente, a parte mais significativa. A asa de origem devia ser alta e seria certamente cinzelada, com relevos e talvez um busto ⁶. Unir-se-ia ao corpo do jarro por soldagem, assentando sobre o bordo e na parte mais saliente do bojo, onde se vêem vestígios de solda, embora estes possam ser fruto de um arranjo posterior de que iremos falar. Sobre o bordo, actualmente, não se notam sinais de soldadura ⁷ mas o antigo assentamento da asa devia ocupar toda aquela parte que não tem decoração, numa largura de cerca de 2,5 cm.

A asa actual, aquela que possuía quando foi enterrado, é de época muito mais tardia, e de técnica e estilo muito mais pobres. A asa foi ainda adaptada ao jarro depois de acrescentada, isto é, há mesmo nesta duas partes de épocas distintas (Est. III, 2). Foi truncada pelos achadores certamente para verificarem se era de ouro ou não.

A parte inferior está solta e tem uma cara feminina, motivo muito vulgar no mundo romano (Est. III, 2). A frente é larga, o nariz achatado e já bastante rompido pelo uso, os olhos vivos e muito cavados e as orelhas e cabelo muito sumariamente representados por sulcos ⁸. Foi feita por fusão e deve ser posterior ao século II ⁹.

Um pequeno fragmento de asa, da parte superior, conserva-se ainda preso ao pescoço da vasilha, mediante crave-

⁵ Poderia ser do tipo Eggers 93 (*Import*).

⁶ É este, de longe, o tipo de asa mais comum no tempo de Augusto a que pertence, cronologicamente, esta peça.

⁷ É possível que a limpeza do bordo revelasse vestígios de solda.

⁸ Tem algumas semelhanças com o tipo de rosto de Medusa.

⁹ Esta cara é muito semelhante a uma outra de uma asa encontrada na Via de S. Rafael de Milão e que António Frova (*Vasi Bronzei Romani Decorati*, in «Arte Lombarda», vol. VIII, 1963, pág. 40), considera de época tardia.

jamento, trabalho muito tosco que deixou, em redor, nas paredes do jarro, vestígios da martelagem.

Mas, embora sem a asa primitiva, o oenokoé de Vila Marim, em bronze e de boca trilobada, é uma peça digna de qualquer museu. O seu corpo é de forma ovóide. Tem um pé anelar que se encontra solto, dessoldado. Deve ter descolado há pouco tempo porque neste e no fundo da pansa do jarro são muito visíveis os vestígios da solda.

O estado de conservação desta peça é sofrível, embora no lado direito, relativamente à asa, apresente uma fenda sobre o pescoço. Deste lado o jarro tem uma bela patine, de cor verde escura (*deep green*) mas bastante destruída por cicatrizes de corrosão, as quais mostram uma coloração esbranquiçada, típica do bronze adulterado. No outro lado predomina a cor original do bronze, uma cor amarelada com uma ligeira tonalidade acinzentada e manchas esverdeadas.

Sem o pé o oenokoé mede, de altura, 172 mm e com este 190 mm. Tem de largura, no ponto mais saliente do bojo, 166 mm. Do bico ao local da asa temos 95 mm e no outro sentido, perpendicular à asa, 89 mm. O lóbulo maior, o do bico, mede 51 mm de largo; os outros dois 49 mm cada. A base tem 56 mm de diâmetro. Sem a asa o jarro pesa 855 gramas.

O bordo tem cerca de 5 mm de largo e é decorado com três motivos, contínuos, que só se interrompem no local onde estaria soldada a extremidade superior da primitiva asa. Em primeiro lugar, a partir do interior, temos uma pequena escócia que é logo seguida de uma fina moldura, saliente, decorada com pérolas. Desta, bordejando a parte mais larga e mais visível do bordo, sai um friso de óvulos (Est. III, 3).

Sobre o pescoço do jarro, nas duas partes mais planas, isto é, entre o bico e a asa há uma ornamentação, em relevo, com flores, ramos, folhas e gavinhas, de índole tardo-helenística e que se repete exactamente no outro lado do pescoço. Esta decoração está muito gasta, devido certamente à utilização que o jarro teve durante dezenas ou mesmo centenas de anos. Em ambos os lados, sobre cada um destes ramos decorativos, há nove incrustações de prata. O tema é de insipiração helenística. Vemos sair de um cálice de folhas de acanto, além de uma espécie de corola (de lotus?) que recebe

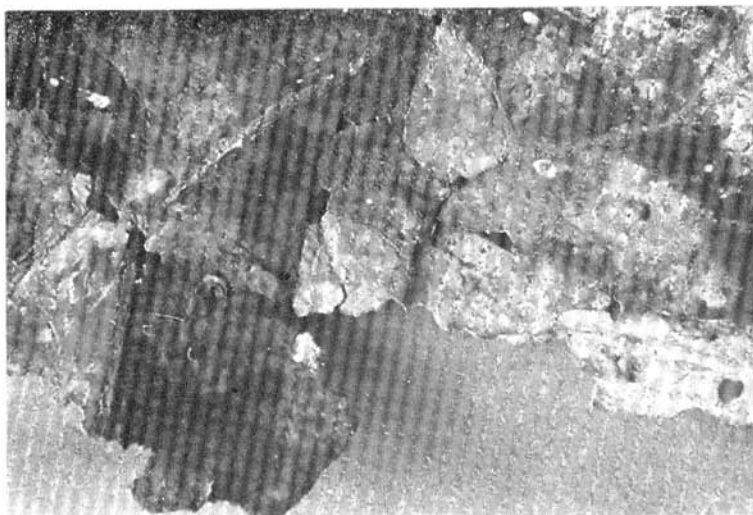
um pingo de prata, dois caules que a ladeiam e se vão unir acima, enlaçados por dois fios de prata. Depois os caules divergem para os lados, desdobrando-se, simetricamente, em folhas, gavinhas e flores. Duas destas, liriformes, são feitas em prata. Para cima, após o enlace, há um pingo de prata seguido de uma palmeta de sete ramos, alongados e dispostos simetricamente (Est. IV, 1).

Os paralelos para estes temas e seu desdobramento podemos encontrá-los nos relevos decorativos do século I, a.C., e do tempo de Augusto¹⁰.

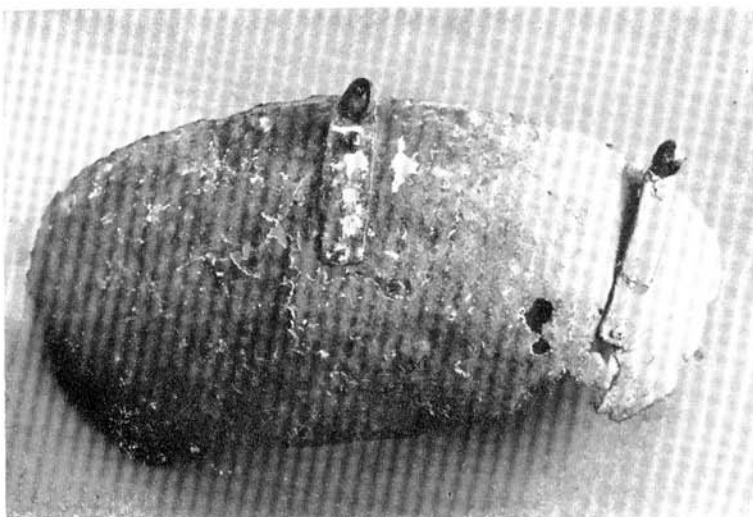
No local onde o pescoço do oenokoé se liga à pansa, e formando um aro levemente saliente na parte central, temos um *kimátion* lésbico (Est. IV, 2), o qual consta de uma linha de pérolas donde saem as folhas cordiformes, viradas ao fundo, havendo entre cada uma destas um motivo vegetal de tríplice folha. A linha externa daquelas folhas cordiformes recebeu uma incrustação de prata. Hoje esta linha prateada não é visível em todas as folhas porque ou saiu ou será necessário proceder-se à limpeza do vaso. Um fino filete fecha o friso. Sobre a moldura do pé temos o mesmo motivo ornamental mas em tamanho maior e com um tratamento um pouco diferente (Est. IV, 3). Neste *kimátion* lésbico também há incrustações de prata, não a delimitar as folhas, como em cima, mas sobre a sua nervura central. O pé, feito por fusão, assenta sobre duas molduras anelares (Est. IV, 4 e 6).

¹⁰ O tema do tufo de folhas de acanto donde partem caules e flores encontra-se em frisos da *Ara Pacis* (Heinz Kähler, *Rome Et Son Empire*, Paris, 1963, pág. 57), no suporte de mesa, em mármore, de Albano — séc. I a.C — (D. E. Strong, *Roman Imperial Sculpture*, Londres, 1961, Est. 16), na decoração do bordo do prato argênteo do tesouro de Hildesheim, do tempo de Augusto (Donald Earl, *Le Siècle D'Auguste*, Paris, 1970, Est. 78), etc. Para o desdobramento da ornamentação e seus tipos, além dos casos citados, podemos aduzir o friso superior da base de mármore, do Museu do Vaticano, do séc. I a. C. (Strong, *op. cit.*, Est. 24). Um *kimátion* lésbico muito semelhante ao do colarinho do nosso jarro vemos-lo em um altar de mármore do tempo de Augusto, no Museu Nacional das Termas (Strong, *op. cit.*, Est. 42). As comparações que poderíamos citar para a palmeta superior e para o tipo de flores condizem com esta época.

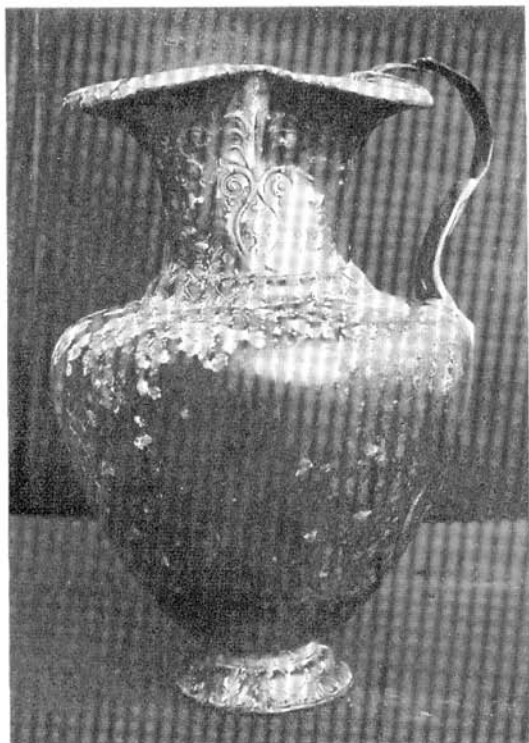




1



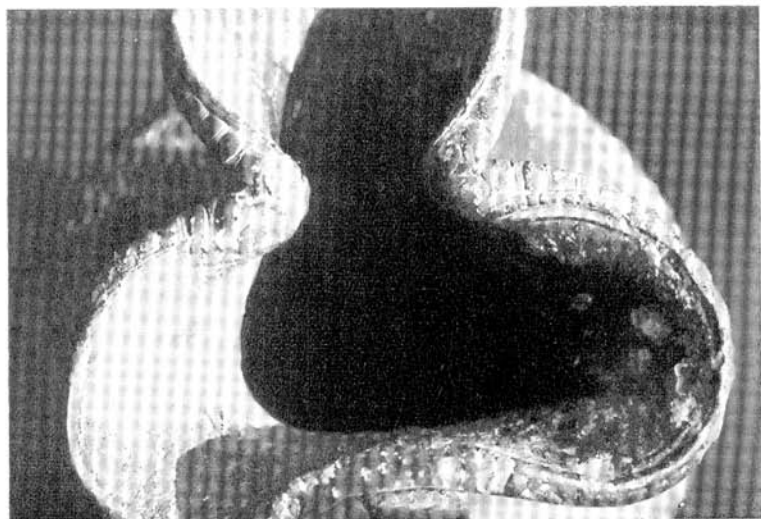
2



1



2



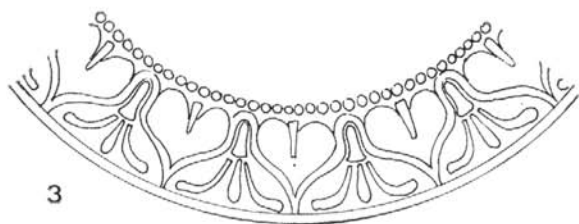
3



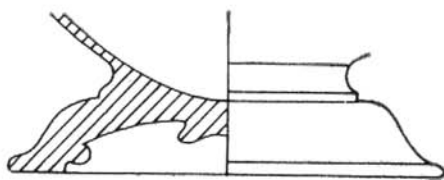
1



2



3



4



5



6

Embora o oenokoé de Vila Marim seja trilobado e tenha forma ovóide (*Eiförmige Kleeblattkanne*) não pode incorporar-se no tipo 124 de Eggers¹¹ e muito menos nos seus tipos 125 ou 126, nem também no tipo K de Werner¹². Não encontrámos, para esta peça de Vila Marim, paralelo exacto algum na bibliografia que consultámos¹³ por causa da sua base. Se na parte da boca e sua decoração o nosso jarro lembra muito o de Hobby (Dinamarca)—tipo de Eggers 126—na parte inferior e no pé é muito diverso. Também a ornamentação do corpo do oenokoé de Vila Marim é muito diferente e de índole mais helenística. O seu tipo de pé, redondo, anelar, torna-se muito comum nos jarros de bronze dos fins do século I e sobretudo no século II mas, neste período, costuma haver entre a base anelar e o corpo do vaso uma pequena haste de alteamento e a boca, embora possa ter ainda aspecto trilobado, costuma ter bico saliente e largo. É deste tipo

¹¹ H. Jürgen Eggers, *Der Römische Import Im Freien Germanien*, Hanburg, 1951, Est. 11.

¹² Joachim Werner, *Die Bronzekanne von Kelheim*, in «Bayerische Vorgeschichtsblätter», vol. XX, 1954, pág. 61.

¹³ Entre a bibliografia que consultámos, além da citada em notas, ao longo do texto, salientámos: Maria Boesterd, *The Bronze Vessels In The Rijksmuseum G. M. Kam At Nijmegen*, Nijmegen, 1956; H. J. Eggers, *Römische Bronzegefäße In Britannien*, in «Jahrbuch Des Römisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz», vol. XIII, 1966, págs. 67 a 164; Antonio Frova, *Vassellame Bronzео*, in «Arte E Civiltà Romana Nell'Italia Settentrionale», tomo II, págs. 312 a 321; Erich Pernice, *Gefäße Und Geräte Aus Bronze*, Berlin, 1925; Heinz Menzel, *Die Römischen Bronzen Aus Deutschland*, tomos I e II, Mainz, 1960 e 1966; R. Thouvenot, *Catalogue Des Figurines Et Objects De Bronze Du Musée Archéologique De Madrid*, tomo I, Bordeaux, 1927; L. Bonnamour, *Découvertes Gallo-romaines Dans La Saône*, in «Revue Archéologique», 1969, págs. 287 a 300; Aladar Radnoti, *Eine Bronzekanne Aus Augsburg*, in «Bayerische Vorgeschichtsblätter», vol. XXIV, págs. 99 a 124; R. Fleischer, *Die Römischen Bronzen Aus Österreich*, Mainz, 1967, Espérandieu, H. Rolland, *Bronzes Antiques De La Seine-Maritime*, Paris, 1959; H. Rolland, *Bronzes Antiques De Haute Provence*, Paris, 1965; C. G. Picard, *Les Oenokoés De Bronze De Carthage*, in «Revue Archéologique», Paris, 1959, págs. 29 a 64, etc.

(Eggers 127) o magnífico jarro aparecido em Valongo, no Fojo das Pombas¹⁴ e cuja forma foi imitada em vidro¹⁵.

A forma do pé do jarro de Vila Marim, em que o corpo assenta imediatamente na base anelar, não é novidade nesse tempo. É uma solução muito comum na cerâmica e também na ourivesaria, helenísticas, e entre os muitos exemplos onde o podemos ver, citamos a krátera de prata de Hildesheim¹⁶ a krátera, em bronze, de Dherveni¹⁷ e o célebre oenokoé de Boscoreale¹⁸ que tem ainda, como o de Vila Marim, um *kimátion* lésbico. Por tudo isto cremos que o tipo de jarro de Vila Marim é um produto das oficinas de Cápua e, embora não tivesse a divulgação das formas estandardizadas dos tipos de Eggers 124 a 126, não deve ter sido muito excepcional, tanto mais que parece ter sido imitado também em vidro¹⁹. Um dos aspectos mais curiosos do nosso jarro é o de ter participado, mais que os outros tipos, de formas e decoração frequentes nas vasilhas de prata.

*

*

*

Em conclusão, e resumindo, diremos que este pequeno tesouro de objectos de metal, encontrado em Vila Marim, deve ter sido escondido tardiamente, talvez só no século IV ou depois. O oenokoé teve longo uso e, porque perdeu a sua asa original, foi-lhe acrescentada uma outra, tardia, de maneira muito elementar.

A chegada de uma peça de tão boa qualidade e do tempo de Augusto à zona do Noroeste peninsular pode explicar-se,

¹⁴ Luis de Albuquerque e Castro, *Achados Romanos Na Mina Do Fojo Das Pombas* (Valongo), sep. do vol. XV de «Estudos, Notas E Trabalhos Do Serviço De Fomento Mineiro», Porto, 1961.

¹⁵ C. Isings, *Roman Glass From Dated Finds*, Groningen, 1957, tipo 88 a, págs. 104-105.

¹⁶ Cfr. A. Garcia Y Bellido, *Arte Romano*, Madrid, 1955, fig. 481.

¹⁷ T. B. L. Webster, *Hellenistic Art*, London, 1967, Est. I.

¹⁸ R. Bianchi Bandinelli, *Rome Le Centre Du Pouvoir*, Paris, 1969, fig. 220.

¹⁹ Isings, *Roman Glass*, cit., pág. 75 (tipo 86).

perfeitamente, pela mineração gigantesca de ouro que, desde esses tempos, os romanos empreenderam na zona²⁰.

O oenokoé de Vila Marim é uma peça excepcional na sua decoração e na sua tipologia participando de formas e ornatos típicos do vasilhame de prata. Embora nos falte a asa original, que talvez fosse a sua parte, artística e culturalmente, mais importante e significativa, não temos dúvidas em atribuí-lo ao tempo de Augusto e, pela forma trilobada da boca²¹, pelos dois *kimátions* lésbicos²², pela decoração tardo-helenística do pescoço e incrustações de prata devemos considerá-lo como um produto da Itália do Sul e, certamente, como uma das peças mais cuidadas e mais antigas das oficinas de Cápuia.

²⁰ O tesouro encontrado em Guiães, também no concelho de Vila Real, constando de denários republicanos, uma taça e um bracelete de prata e que, cronologicamente, pertence à época do jarro de Vila Marim, tem a mesma explicação. Cfr. Henrique Botelho, *Archeologia de Trás-os-Montes*, in «O Archeologo Português», Vol. XV, Lisboa, 1910, págs. 84 a 86.

²¹ J. Werner, *Die Bronzekanne von Kelheim*, cit., pág. 61.

²² A. Frova, *Vasi Bronzei Romani Decorati*, cit., pág. 36.